

# LETRAS DE HOJE

Nº 33

SETEMBRO DE 1979

Cr\$ 35,000

**estudo e debate  
de assuntos de  
lingüística, literatura  
e língua portuguesa**

PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
Centros de Estudos de Língua Portuguesa  
Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras

LETRAS DE HOJE já editou 32  
números. O preço da assinatura  
— 4 números anuais — é de  
Cr\$ 100,00 para o Brasil e de  
US\$ 20 para o Exterior  
Números avulsos — Cr\$ 35,00  
Os pagamentos podem ser feitos  
por cheque bancário ou através  
de vale postal em favor da  
Pontifícia Universidade Católica do  
Rio Grande do Sul.

A redação aceita contribuição de sua especialidade  
Aceitamos livros e revistas para resenhas



**DIRETOR:**

PROF. IR. ELVO CLEMENTE

**REVISÃO E CORRESPONDÊNCIA:**

PROF.ª MARIA RITA PONSI MOTTA

**CONSELHO EDITORAL:**

**Para assuntos Lingüísticos:** José Marcelino Poersch, Fernando José da Rocha, Christian Lehmann, Leonor Scliar Cabral e Urbano Zilles.

**Para assuntos Literários:** Gilberto Mendonça Teles, Nelly Novaes Coelho, Regina Zilberman e Petrona Dominguez de Rodriguez Pasqué.

LETRAS DE HOJE aceita troca

On demande l'échange

We ask for exchange

CURSO PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUISTICA E LETRAS  
CENTRO DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA  
EM VONVÊNIO COM O CONSELHO FEDERAL DE CULTURA  
AV. IPIRANGA, 6681 - Caixa Postal 1429 - PORTO ALEGRE

# ÍNDICE

LIBERDADE E CONSTRIÇÕES NO FAZER LITERÁRIO	
	Regina Zilberman p. 7
METALINGUAGEM NA POESIA DE OSWALD DE ANDRADE	
	Neiva da Silva Cardoso p. 13
DRUMMOND E SUA CONCEPÇÃO DE POESIA	
	Lionira M. G. Komosinski p. 32
HERMILO BORBA FILHO: UM ESCRITOR MALDITO	
	Heleno Afonso de O. Pinto p. 41
CLARICE LISPECTOR REFLETE SOBRE A CRIAÇÃO LITERÁRIA	
	Gínia M. Gomes p. 46
"O RESTO É SILÊNCIO": UMA OPÇÃO PELO REALISMO	
	Carmen Consuelo Silveira p. 58
A CONCEPÇÃO DE CRIAÇÃO LITERÁRIA NOS ROMANCES DE LIMA BARRETO	
	Noeli Terezinha P. Martins p. 59
"SÃO BERNARDO": ESTRUTURA SOCIAL E COMPORTAMENTO PSICOLÓGICO	
	Mirna Dietrich p. 63
INTRODUÇÃO A UMA FILOSOFIA DA HISTÓRIA LITERÁRIA	
	Gilberto Mendonça Teles p. 75
RECENSÕES:	
1) ESTRUTURA DO DISCURSO DA POESIA E DA NARRATIVA	
	Neuza Tânia A. A. Branco p. 106
2) A ASTÚCIA DA MÍMESE	
	Maria Beatriz Mecking Caringl p. 114
3) FORMALISMO E TRADIÇÃO MODERNA: O PROBLEMA DA ARTE NA CRISE DA CULTURA	
	Dad Abi Chahine Squarisi p. 119
4) A PALAVRA	
	Gilberto Mendonça Teles p. 119

# LIBERDADE E CONSTRIÇÕES NO FAZER LITERÁRIO

Regina Zilberman

Nomear, Poeta, é uma arte onde deve o escritor avultar-se. Caso contrário, cabe-lhe apenas a mesquinharía de repetir palavras condenadas pelo uso.

Nélida Piñon

Dentre os fenômenos ligados aos signos verbais, é a literatura que propicia o exercício da criatividade. Ou, numa outra formulação: quando o falante recusa o padrão habitual do sistema lingüístico, fazendo com que sua mensagem volte-se para os valores intrínsecos, às vezes adormecidos, da palavra, manifesta-se ele poeticamente. Devido a esta relação, não mais arbitrada inteiramente pelo código gramatical, entre o emissor e a expressão poética, constroem teorias apoiadas na noção de desvio ou ruptura e tipologias das funções da linguagem humana<sup>1</sup>. O que avulta em todas elas é que o patrimônio literário se expande através da criatividade e esta coloca-se do "lado de lá" em relação à expressão socializada que busca e transmite informações, atuando na órbita da comunicação imediata.

É a poética a disciplina que se volta ao estudo das condições que determinam a eclosão da criatividade inerente à natureza do literário, assim como dos elementos que a suportam, como a palavra, a intenção artística, a mimese do real. Porém, sendo objeto da ciência literária, o problema se coloca também aos criadores, pois são estes que vivem o dilema da originalidade. E estes poderão expressá-lo no interior de suas produções, de modo direto ou não. Desta maneira, a poetologia vê-se perante um campo de pesquisa que a todo momento se renova e que contribui decisivamente ao enriquecimento da ciência da literatura.

É este campo específico que, sob nossa coordenação e apoio da Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação, através do Prof. Elvo Clemente, o Centro de Pesquisas Literárias, da PUC-RS, pro-

pôs-se a investigar. Tendo como objeto a obra de escritores brasileiros modernos, examinou-se como, colocados perante este fato — compromisso com um modo de expressão original que decreta o império contínuo da criatividade — eles concebem sua atividade no interior mesmo de sua ficção. Deste modo, visa-se ao posicionamento do artista, intencionalmente manifesto ou não, como meio de se medir o seu grau de conscientização e maturidade diante da literatura, e isto no interior de um texto ficcional que, em princípio, realiza necessariamente estas mesmas disposições.

A pesquisa realizada voltou-se, primeiramente, ao romance e à poesia brasileiros do século XX, sendo que à divisão em gênero somou-se um certo arranjo cronológico: o horizonte histórico abrange o pré-modernismo (representado pelo romance de Lima Barreto), o modernismo (através da obra poética de Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade), o romance de 30 (cujos exemplos colhidos provêm da prosa de ficção de Graciliano Ramos e Erico Verissimo) e a ficção pós-modernista (Hermilo Borba Filho e Clarice Lispector são os autores selecionados). Embora seja digno de respeito o elenco reunido, sabe-se que há escritores que poderiam legitimamente tomar parte do grupo, sem demérito para a pesquisa, como é o caso dos poetas João Cabral de Mello Neto e Mario Quintana ou dos narradores Osman Lins e Lígia Fagundes Telles, para citar alguns. Porém, tratando-se a literatura de um movimento permanente, em constante evolução, reconhece-se que, de qualquer modo, a tarefa seria interminável. Outrossim, cabe neste momento abrir caminhos à poetologia da literatura brasileira, cujo objeto oscila da força criativa de que se constitui o ato literário à auto-reflexão, produto do nível de conscientização do escritor em relação às suas tendências e à sua concepção sobre o fazer artístico. Neste sentido, o trabalho proposto do qual se colhem aqui alguns resultados ambiciona, de um lado, evidenciar a existência deste processo de auto-reflexão que acompanha o desenvolvimento da literatura nacional e, de outro, comprovar que ele é igualmente passível de uma evolução, na medida em que, como se perceberá pela leitura dos trabalhos que se seguem, de Lima Barreto e Oswald de Andrade a Carlos Drummond e Hermilo Borba Filho, há um visível aprofundamento na compreensão humanista e participante do papel da literatura, assim como das tarefas ligadas à renovação do mundo e da arte que cabem ao escritor. Se não é o caso de se julgar uma tradição literária pelo grau de meditação sobre si mesma que ela é capaz de suportar, pelo menos estes primeiros resultados de uma pesquisa ainda em curso revelam que ao grande escritor não parecerá descabido um debruçar-se sobre as condições que decretam a sua produção artística.

Esta última, como vimos, alimenta-se de originalidade; mas a natureza desta deve ser matizada, uma vez que consiste simulta-

neamente de liberdade e constrangimentos. É o que se conclui da análise do último romance de Nélida Piñon, **A força do Destino**<sup>2</sup>. O objetivo deste livro é indiciado de imediato através de dois aspectos:

1) a epígrafe, que consiste na conceituação do artista, fazendo ver que o texto traçará considerações sobre a condição do criador;

2) o título, retomado da famosa ópera de G. Verdi, que trata do poder — e das conseqüentes constrictões — exercido pelo Destino, no caso específico deste romance, o Destino do ser-escritor.

Este estar votado à escrita é o atributo de Nélida, o Eu que narra a história, mas que participa das **dramatis personae** do entreticho, configurando-se então em ser ficcional, assim caracterizado pela narradora:

Desde pequena adestrou a mão direita para enfrentar a caneta. O instrumento provou-se propenso a armazenar apenas palavras bem-comportadas. As melhores fugiam-lhe pela janela, tal a sua velocidade. Já aos treze anos, livrou-se deste jugo utilizando as duas mãos sobre pequena máquina Hermes que, em verdade, escreveu seus livros. Teve ela apenas o trabalho de assiná-los. (p. 127)

Nesta caracterização são reveladoras as referências: a uma vocação que se manifesta desde a infância, portanto de natureza incontrollável e, até certo ponto, irracional; à presença de um jugo do qual se livra a escritora quando aceita a sujeição a uma força que move a sua mão executando obras que, posteriormente, são tão somente assinadas, isto é, no momento em que é recuperada a "razão". É expressa, pois, a noção de uma pressão exterior (daí a alusão à máquina, esta deusa da escrita) que toma posse da Autora, numa representação do **poeta-inspirado** que remonta a Platão<sup>3</sup>.

A presença desta força que lança o escritor ao ato da criação parece ser a compressão inicial que determina a existência da arte. Porém, ao invés de associá-la à divindade, como procede o filósofo grego, Nélida Piñon atribui-lhe contornos vagos, assinalados pelo mistério que é trazido para a interioridade da narradora:

Exige Álvaro a minha presença porque arrasto um mistério vendido a preço de mercado, e escrever para mim é ato sem preço, pelo qual tenho um valor aviltado?

Apalpo a vida. Ascultando-lhe a ruidosa exuberância, aprendi que nada exige a minha presença. Unicamente meu corpo narrador afina-se às próprias funções, e tece uma respiração ajustada a um sistema de ar mediante o qual componho notas musicais e espasmos. (p. 18)

Como se vê, se o romance se denomina **A força do Destino**, percebe-se que o Fado em questão é o do próprio escritor, preso a exigências que o transcendem e que não consegue controlar inteiramente. Por outro lado, valendo-se de um libreto musicado por G. Verdi, que, por sua vez, trabalhara sobre o drama romântico do Duque de Rivas<sup>4</sup>, a escritora torna marcante o fato de que, ao nível narrativo, há uma trilha previamente delineada que constrange o poder criador do artista. E ainda: é evidenciado que a literatura é um re-correr dos mesmos passos e isto comprime, mas, concomitantemente, reafirma, a criatividade que está na base do fazer literário. Este aspecto é a todo instante assinalado pela escritora:

Advirto-os, porém, de que não sou tão responsável pelo que há de acontecer neste pátio andaluz. (p. 23)

Não posso mais iludir-me. Por mais que os quisesse unidos, os fados apartaram Álvaro e Leonora por um longo tempo. E quanto mais cedo admita-lhes a separação, melhor me desobrigarei da narrativa. (p. 50)

Também lhe acode pensar, nem eu sou dona do meu traçado. Também obedeço. (p. 74)

E não me venha pedir, abade, que o afaste desta história. Não posso desfalcá-lo do próprio destino, do seu direito de intervir no enredo familiar. (p. 102)

Esta impossibilidade de exercer um amplo domínio sobre a escrita, no momento de traçar o rumo das personagens, provoca um conflito na narradora, que ainda ousa querer intervir na ação, mas acaba por reconhecer sua impotência:

A cada instante hesito em enquadrá-los a uma história armando-se a despeito da minha vontade, a que faltará seguramente a voraz ambigüidade dos deslocamentos narrativos. Não tenho a quem apelar, senão a você, Carlos. Ainda que lhe recrimine mais tarde a iniciativa, jamais o perdoo por roubar-me Leonora e Álvaro. Agora, porém, ajude-me a ser livre, mesmo por breves horas. Liberte-me, por favor, deste roteiro humano, da solidariedade penosa, do dever de freqüentar regiões desérticas e úmidas ao mesmo tempo. (p. 97)

A verdade é que há muito pensava se devia tragar estes personagens, ou simplesmente fazê-los felizes, contrariando Verdi, que os destinou ao martírio. Terei eu porém o poder de modificar o ódio e entregar estas criaturas aos sentimentos brandos? (p. 111)

A última citação aponta igualmente para o sentido que tem

para a Autora este deixar-se subordinar ao Destino: significa ao mesmo tempo o assumir de uma existência que não se enquadra na domesticidade do cotidiano, nem se mede por ela, já que esta se caracteriza pelo polímio das extremidades e uma renúncia à vida empolgada e emocionante:

A verdade é que, se eu não buscasse aqui subverter as tuas normas, tua luta se teria resumido na conquista de um matrimônio sólido, uma prole autenticada, e um futuro onde coubessem alguns verões apenas celebrados enquanto os dias no leito fossem ardentes.

.....

Talvez me queiras submissa a histórias cujo sentido do real se concilie com fatias de uma realidade oficial, de modo que me seja fácil segui-las. Mas de que serviriam estas vidas sólidas, com telhado e vigas mestras, que se deixam ligeiramente retocar e jamais se transfiguram. Encarregadas da obediência e da colheita, elas proibem qualquer transgressão. Enganas-te muito, Álvaro. Não pretendo cingir-me aos parceiros brandos, de calendário ocupado com festas previstas desde o nascimento até o cortejo da morte. (p. 16-17)

Esta opção, que é reavivada em vários momentos do romance, tem uma contrapartida no assumir concomitante de uma existência trágica, cuja instabilidade é posta em evidência porque confrontada a cada instante ao perigo e à morte. Entretanto, esta eleição somente se efetiva quando é provocada por um Fado que lança o indivíduo a uma circunstância-limite. Por isto, mesmo a escolha de um modo de existência mediado pela morte eminente depende da interferência da Moira, a potência trans-humana que deflagra o futuro. Mas, no momento da constituição da narrativa, o Destino é incorporado pela Autora, porque é ela quem aceita percorrer os caminhos de Rivas e Verdi, contando os desencontros e a catástrofe ocorridos com Álvaro e Leonora, para mostrar a relação entre o trágico e o engrandecimento humano, em oposição marcante à banalização de uma história individual medíocre e sem conflitos, que marcha necessariamente à renúncia das aspirações juvenis. Como declara Leonora, "meu destino unicamente se engrandecerá se não me torno sua mulher. A tragédia deve abater-se sobre nós antes que o grande amor expire". (p. 23-24)

Liberdade e constrangimento a um Destino também constituem, portanto, ingredientes da vida humana enquanto opção por um caminho que, conduzindo ou não à auto-realização, torna-se objeto da fatalidade soberana e implacável. Neste momento, escritor e personagens encontram sua unidade, porque, embora sujeitos a diferentes senhores, em ambos há a escolha voluntária por um trajeto que não mais dominam e que os constrange a um certo fim, que, qualquer que seja, está nas antípodas de acomodação burguesa, já por esta razão unicamente tornando-se válido.

Enquanto uma narração sobre a produção do texto literário, **A força do Destino** apresenta as condições essenciais da criação, oriunda de um poder que transcende a vontade individual e a manipula, mas que, paradoxalmente, resulta de uma eleição desta mesma vontade. Este processo vincula o texto ao gênero trágico com legitimidade, uma vez que, neste, o herói é vítima da Moira, mas justifica sua punição na medida em que sua queda é produto de um erro cometido (**Hamartia**) e de orgulho (**Hybris**). Por isto, é igualmente legítimo que a entidade dominadora do romance seja a mesma que comanda o desenvolvimento da tragédia, qual seja, o Fado implacável. Para Álvaro e Leonora esta característica é atributo da Autora; por isto, Leonora afirma que "Nélida jamais abdicará de sua implacável curiosidade" (p. 19), comprovando então que é a mesma relação da dominação que impera entre Autor e personagens; ou, em outras palavras, impera uma mesma estrutura de mundo. E o que se configura como reflexão sobre a criação — metalinguagem, noutros termos — é igualmente concepção de mundo, temática com fundamento trágico, porque oriunda de uma noção da vida e criação mediada pelo Destino. Todavia, constata-se ao mesmo tempo a visão libertária, porque resultante de uma vontade que obedece, mas sabe ao quê: sobretudo àqueles valores que julga existenciais, anticonformistas e que asseguram o caminho (incerto, é claro) à auto-realização, literária, vocacional ou, num sentido mais amplo, das potencialidades a que o ser humano está votado.

#### NOTAS:

- (1) V. as considerações sobre a linguagem poética de B. Croce, R. Jakobson e R. Wellek que, representando tendências diversas na Teoria Literária, reconhecem e insistem nas diferenças entre os modos de expressão verbal.
- (2) PIÑON, Nélida. **A força do Destino**. Rio de Janeiro, Record, 1977. As citações foram retiradas desta edição.
- (3) O conceito de poeta-inspirado é desenvolvido por DUFRENNE, Mikel. **O poético**. Porto Alegre, Globo, 1969. Porém, sua primeira formulação na ciência literária provém de PLATÃO e pode ser comprovada pela leitura de seu diálogo *Ion*.
- (4) RIVAS, Duque de. **Don Álvaro o la fuerza del sino**. Barcelona, Editorial Labor S. A., 1974.